



## PRÉ-MODERNISMO

---

Escola que apresenta os autores com produções literárias compreendidas no período entre o final do Realismo/Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo e o início do Modernismo no Brasil.

Inicia-se com a publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha.

Euclides da Cunha foi o primeiro jornalista a cobrir uma guerra no Brasil. Ao viajar ao nordeste para chegar à Guerra de Canudos, faz uma série de anotações, as quais resultarão no livro *Os Sertões*. A obra será dividida em três partes: *A terra* contém as descrições do relevo, vegetação e clima; *O homem* mostra como o sertanejo é mais forte do que o homem do litoral; *A luta* descreve o conflito de Canudos.

Em *Canaã*, Graça Aranha fala sobre os conflitos culturais de imigrantes alemães no estado do Espírito Santo.

Monteiro Lobato foi um dos maiores nomes do pré-modernismo e também da cena cultural brasileira. Autor de *Reinações de Narizinho*, que apresenta a história do Sítio do Pica-pau amarelo. Criou também a figura do Jeca Tatu. Fez campanha pela nacionalização do petróleo. Escreveu o texto *Paranoia ou mistificação*, criticando a exposição de Anita Malfatti, fato que gerará a indignação dos futuros modernistas brasileiros.

Lima Barreto, outro grande nome do período, criticou questões relacionadas ao patriotismo brasileiro, tendo como obra mais significativa o livro *triste fim de Policarpo Quaresma*.

Augusto dos Anjos compôs uma poesia única no Brasil, com muita crítica e linguagem direcionada a questões orgânicas:

## Psicologia de um Vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Produndissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme -- este operário das ruínas --  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!